

# *Diretora viu 'coisas horríveis'*

Ao fazer o projeto da monografia do curso de pós-graduação, a diretora Mônica Paiva de Souza pretendia descobrir as causas da indisciplina de seus alunos, mas terminou deixando a idéia de lado por impossibilidade de fazer um acompanhamento mais profundo da vida que levam fora da escola. Mesmo assim, acabou entrevistando seis alunos mais indisciplinados e descobriu "coisas horríveis" como tráfico de drogas e envolvimento com gangues.

Um aspecto, contudo, surpreendeu Mônica: alguns desses alunos não são de famílias desestruturadas. Pelos padrões da população de Santa Maria, ela formulou empiricamente a seguinte definição para uma "família estruturada": família com casa própria e possuindo um conjunto básico de eletrodomésticos e pais não separados. Outros, contudo, são filhos de mães solteiras ou de pais alcoólatras.

"Pelo que observo, eles têm o que comer e onde morar. Não vivem em estado de pobreza miserável, mas passam o dia inteiro na rua e moram numa cidade sem praça, cinema, lanchonete ou campo de futebol, o que atrapalha esses jovens a soltarem a energia e agressividade próprias da idade. Acabam se drogando e entrando nas gangues por influência de amigos", diz Mônica.

## **Sem limites**

A falta de limites em casa e na escola é um aspecto que Mônica aponta para justificar a indisciplina. "As crianças e adolescentes precisam de limites. Esses limites, contudo, devem ser colocados claramente e discutidos com eles", observa. Uma história contada em congressos de pré-escolar ilustra bem a tese da professora: Conta-se que numa escolinha de Porto Alegre as crianças costumavam brincar no parquinho cercado. Um dia,

porém, a direção da escola decidiu retirar a cerca. Ao invés dos alunos explorarem toda a área, se amorfinaram no centro do parquinho porque não sabiam até onde ir.

Segundo Mônica, é com limites e muito diálogo que o Centro de Ensino que dirige está reduzindo os problemas de violência e de indisciplina. Em vez de promover uma suspensão -- ou até expulsão --, o aluno é chamado na diretoria para ser ouvido, argumentar e até falar sobre seus problemas em casa e na rua.

O resultado é que os estudantes acabam compreendendo que têm na escola, na diretora e nos professores, interlocutores com quem possam dialogar. Esse tipo de prática termina fazendo com que os alunos encontrem um ambiente no qual se sintam mais seguros. A escola sempre está convidando os pais para participarem dos problemas de seus filhos dentro da escola. (A.S.)